

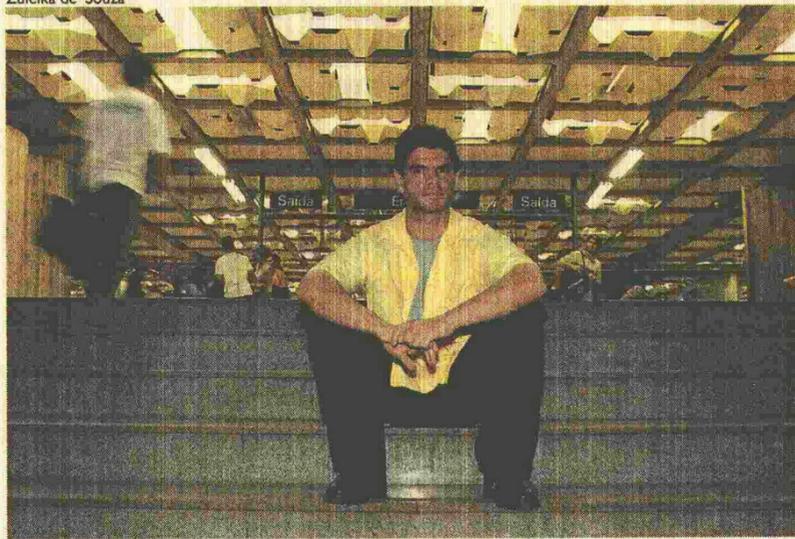
# RODRIGO LACERDA

A Brasil Telecom apóia os programas Alfabetização Solidária, Comitê para a Democratização de Informática e Missão Criança, que já beneficiaram milhares de brasileiros.

## AMPLITUDE

Para os amigos de Brasília

Zuleika de Souza



**S**empre odiei usar óculos escuros. Me sinto afetada com eles na cara, meio pantera de subúrbio. E também não gosto de nada que reduza minha sensibilidade, ou embaralhe meus sentidos. Da primeira vez, pus os óculos e fiquei meio surda, lembra? Por causa deles, juro. Num outra, perdi o equilíbrio.

Não — engraçadinho —, não estava de salto agulha. Agora, aqui, essa luz me pegou. Você vai mesmo me fazer mudar. Calma, não precisa ficar assim. Admito: sou eu quem vive tentando te corrigir, quer dizer, te modificar.

Prometo que agora estou decidida a agir diferente. Debaixo de um sol desses, nada é impossível. Até eu posso errar de outro jeito.

Nem todo mundo é como você, inconstante por definição. O rei das idiosincrasias. Quase ninguém é, aliás.

Não estou exagerando. Seu único amor estável — e eu te conheço —, sempre foi sol e mar. O único. Desde criança, em Salvador, a pele cor de brasa, os cabelos duros de sal.

Antes tivéssemos aprendido a nos surpreender um ao outro desde cedo. Mas água esfria a cabeça, e isso inibe transformações...

O político da Velha República olha sem entender, pregado no cimento. Um abismo horizontal, uma luz até maior que a idade; o sol e a imensidão o esmagam como duas mãos gigantes, enquanto as suas mãos, antes tão determinadas, agora, com uma aparência que ele jamais reconheceria, pedem ajuda à bengala. Unhas grossas, amarelas, rendas finas de peles e músculos, ossos frágeis no desespero do relógio biológico, tremendo sobre o ponto de apoio misterioso, ao mesmo tempo evidente e secreto.

A bengala que uma tarde, no jardim, seu pai discretamente exibiu aos policiais do regime, impedindo-os de dar busca na fazenda. Que, sem luta, serviu ao dono como o cano à espingarda, e, sem apelação, como martelo ao juiz. Que temperou aquele rosto comprido, já normalmente severo, de viúvo orgulhoso, e endureceu a figura magra, de olhos fundos, e até deixou a pêra do cavanhaque mais aguda, como uma ponta lascada na pedra. O cajado do pai Ministro do Supremo, e os filisteus se acovardaram. Amém. Naquele dia, o político da Velha República, ainda na condição de filho do homem, homem escondido — como isso era confuso e difícil —, se admirara por uma fresta na casa das charretes. Ele, o sonhador da família, com seus jagunços-revolucionários metidos em tocas pelo morro, suas armas recém-enterradas no galinheiro perto da antiga senzala.

Nesta nova praça, tão aberta, que o prende a um momento desconhecido, sua fraqueza o acolhe na lembrança da outra praça, daquela outra cidade, perdida e parada no tempo, onde os jardins em nível, a igreja matriz e os bancos dos namorados eram cercados pelos casarões dos grandes homens, pela prefeitura e, no alto, pelo cemitério. Certa vez, para impedir a realização de eleições — quais mesmo? — invadira a antiga praça, liderando Voluntários de Manobras. Com sucesso, mas depois tendo de enfrentar o pai e sua bengala, ambos com a mais dura e democrática reprovação.

O político da Velha República trai um sorriso bem brasileiro.

Depois, o Rio. De janeiro a janeiro. Outra vez o sol e o mar perto de você. Achei que sossegaria, mas mais responsabilidade na vida. Achei e deixei de achar.

Você já pensou por que faz isso com as mulheres? Você sabe dizer?

É? Eu acredito, eu acredito muito bem que não. É cada besteira, cada desculpa, você estraga tanta coisa boa, que só alguém que não se entende...

Mas em Salvador, pelo menos, as suas amantes tinham a decência de me odiar. Já as cariocas...

A primeira me pegou no meio da rua. Foi, e de óculos escuros (mesmo aqui, de baixo dessa luz toda, eu acho afetação, que dirá no Rio, que tem mais sombra; não dá para confiar em quem esconde os olhos). Só faltava a bota branca. Sofrimento mais vulgar impossível; quem mandou se meter com homem casado? A segunda, reconheço, era bonita. Só a alma que era de puta. Onde já se viu me propor aquilo? Uma, depois da humilhação, teve o filho e se mudou. A outra amargou um marido rico, usando o dinheiro dele para te segurar como amante. Só que você sumiu logo depois, enquanto o marido...

É verdade sim. Todas, quando me descobriam, ou melhor, te descobriam, se envenenavam de ciúme, arruinavam a própria auto-estima. Das que me lembro, nenhuma foi feliz de novo, sabia? Você já pensou nisso?

O político do pós-guerra não envelheceu totalmente. Ainda luta para entender o que se passa. Lento, sugado pela vastidão da estranha praça nova, ele caminha. As multidões da Guerra-Fria ficaram para trás, e agora só os retardatários morrem de morte matada. Caíram os móveis abstratos antes pendurados no pavilhão das nações. Implodida, a antiga transcendência afunda em veredictos da OMC.

Ele entristece ao pensar nisso. Com todos os defeitos do seu tempo, apesar da intolerância, dos rompantes, aquela era uma época idealista. Contra ou a favor, as praças nunca falaram tão alto, e nunca em outros tempos havia sido tão forte a sensação de interferir diretamente no processo histórico.

Uma família comunista para além dos livros — clássicos das revoluções francesa e russa, bem encadernados, que a geração anterior sublinhara em vários trechos — o havia predisposto às rupturas institucionais, naturalizando nele uma concepção turbulenta do processo democrático. Mais tarde, a mesma concepção mudou de sinal, e o preço de antever o fiasco da utopia foi o exagero no aviso, enfatizado além das palavras.

Hoje, na antiga capital federal, seus filhos vivem outros dias. Usam as praças como ilhas decorativas, cercadas de violência inútil por todos os lados. O que lhe parece inaceitável, quando ele próprio não está num momento de absoluta descrença.

Agora, ali, no quadrado desta outra praça, que não é a sua e nem a dos filhos, cercado por construções novas e não inteiramente compreendidas, mas aberto para um dos lados pela força descomunal e silenciosa do centro do centro do centro...

Aquela praça não grita, mas vive. O que o político do pós-guerra não entende é que as idéias hoje não se enfrentam; preferem se impor na amplitude.

Aqui é tão bonito, mesmo sem mar. Um lugar inesperado — sempre pensei que, no seu caso, sol e mar fossem inseparáveis —, mas gostei. Dá para ser feliz, se você não estragar tudo.

Como assim? Não se faça de bobo.

É, você. Respeite o que estou fazendo... Vendi a casa, deixei o Rio, saí do emprego. Se você me trair dessa vez, eu não levanto. Nem querendo. E não vou querer, aliás. Como não? Era dessa mudança que estava falando. Não vou levantar porque não vou mais querer. Ou te ponho nos trilhos ou deixo você me destruir feito às outras. A mim e a tudo de bom que podemos viver nesta cidade. Mas não vou sumir não, nem casar com outro: vou me rebaixar até o fim, vou te perseguir, te infernizar. Duvida? Faz de novo, para ver.

Auto destrutiva?, é. Não consigo te esquecer mesmo... Para ser feliz só tem um jeito, para ser infeliz tanto faz o jeito que se dá.

Mas não precisa assustar, não. Chega de confusão entre a gente. Eu te amo, e Brasília vai dar sorte. Posso confiar em você agora, não posso?

Jura?

Outra vez.

Jura de novo.

Mais uma...

*Zuleika de Souza*